

RESILIÊNCIA DOS ACADÊMICOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO EM PONTA PORÃ: DESAFIOS E IMPACTOS NO PERÍODO DA PANDEMIA

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-118>

Data de submissão: 12/10/2024

Data de publicação: 12/11/2024

Glucia Worell Rodrigues

Graduada em Administração – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Ponta Porã/MS

Romildo Camargo Martins

Doutor em Desenvolvimento Local – Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – Campo Grande/MS

Adriana Bilar Chaquime dos Santos

Doutoranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária – Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – Campo Grande/MS

Rildo Vieira de Araújo

Doutor em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFMT – Barra do Garças/MT

Deimison Rodrigues Oliveira

Graduado em Ciências Biológicas – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Pontal do Araguaia/MT

Ana Cristina de Almeida Ribeiro

Graduada em Ciências Biológicas – Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT – Barra do Garças/MT

Micaella Lima Nogueira

Doutoranda em Ciências Ambientais e Sustentabilidade Agropecuária - Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – Campo Grande/MS

Reginaldo B. Costa

Doutor em Ciências Florestais – Universidade Católica Dom Bosco – UCDB – Campo Grande/MS

RESUMO

Os estudos sobre resiliência humana buscam compreender por que, diante das mesmas condições adversas, alguns indivíduos se desenvolvem satisfatoriamente, enquanto outros sucumbem, desenvolvem patologias ou assumem uma postura de vitimização. Esta pesquisa objetiva analisar a percepção dos acadêmicos de Administração da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na Unidade Universitária de Ponta Porã/MS, quanto às dificuldades enfrentadas durante sua formação no período de pandemia e suas consequências subsequentes. A investigação centra-se em identificar os principais desafios e impactos vivenciados por esses estudantes. Para isso, os procedimentos metodológicos envolveram uma ampla revisão de literatura em bases científicas, fundamentada em dissertações, teses, artigos e outras publicações relevantes sobre o tema. O estudo, de natureza qualitativa, é caracterizado como exploratório, uma vez que aborda um assunto ainda pouco explorado.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário com perguntas fechadas e semiestruturadas, direcionado aos alunos do 2º, 3º e 4º anos do curso de Administração. Os resultados revelam que os desafios enfrentados pelos estudantes durante as aulas remotas incluíram: i) adaptação ao formato virtual, ii) dificuldade com a metodologia, iii) desmotivação e iv) desconforto em assistir às aulas em casa. Esses fatores evidenciam que o Ensino Remoto Emergencial foi um dos principais obstáculos. No entanto, constatou-se que muitos alunos desenvolveram novas habilidades ao longo das aulas remotas. Eles demonstraram paciência, reinvenção, capacidade de aprendizagem, adaptação e resiliência para enfrentar e superar as dificuldades impostas.

Palavras-chave: COVID-19. Pandemia. Readaptação. Ensino Remoto Emergencial.

1 INTRODUÇÃO

Estudos e pesquisas sobre resiliência humana buscam compreender por que, diante das mesmas condições adversas, alguns indivíduos conseguem se desenvolver satisfatoriamente, enquanto outros sucumbem, desenvolvem patologias ou se colocam em posição de vitimização. No contexto das adversidades, o mundo enfrentou uma grave crise global com a pandemia de COVID-19, que teve início em 31 de dezembro de 2019, na China, com o SARS-CoV-2 identificado como agente etiológico.

A presença de múltiplos fatores e consequências relacionadas às pandemias aumenta a necessidade de entender os aspectos que interferem no desenvolvimento da doença. Considera-se pandemia qualquer doença com alto grau de contágio e propagação, independentemente de sua gravidade. Do ponto de vista histórico é o cenário mais crítico, uma vez que a contaminação atinge níveis globais, espalhando-se por diversas regiões do planeta.

A COVID-19 afetou mais de 180 países, e, diante do elevado grau de contágio e disseminação da doença, governantes ao redor do mundo foram obrigados a adotar medidas e estratégias plausíveis para conter seu avanço. Entre essas ações estão medidas comportamentais, como isolamento e *lockdown*, e outras intervenções clínicas e estatais (Kraemer *et al.*, 2020). Esses procedimentos foram necessários, considerando que o vírus é transmitido pelo ar ou por contato pessoal, espalhando-se por gotículas de saliva, espirros, tosse e pelo contato com objetos e superfícies contaminadas seguido de contato com o nariz e olhos (Who, 2020).

Devido ao risco de infecção viral de rápida disseminação, outras medidas sanitárias e restrições ao contato social também precisaram ser implementadas, como o fechamento de diversos setores da economia, incluindo bares e restaurantes, exceto aqueles considerados essenciais, como mercados e farmácias. Além disso, houve restrições à realização de eventos que gerassem aglomeração de pessoas, como shows, cultos e festas. No setor educacional, as aulas presenciais precisaram ser suspensas.

Esse cenário trouxe profundas mudanças às rotinas pessoais e familiares, tanto na esfera doméstica quanto profissional. Diante dessa percepção, o presente estudo objetivo investigar as principais dificuldades e consequências da COVID-19 vivenciadas pelos estudantes do curso de Administração da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na unidade de Ponta Porã-MS, com foco na relação entre resiliência e desempenho acadêmico diante das adversidades impostas pela pandemia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 RESILIÊNCIA – CONCEITO

Os estudos sobre resiliência permitem compreender como os indivíduos respondem (ou deixam de responder) aos problemas comuns de uma sociedade. Ou seja, examinam como as pessoas reagem às dificuldades e crises, buscando entender de que forma lidam com as adversidades.

Antes de avançar nessa discussão, é essencial explorar o conceito de resiliência, sua definição e o papel que desempenha nas diversas áreas do conhecimento. A seguir, será possível observar a complexidade de sua definição, à medida que estudiosos procuram conceituá-la de acordo com as inúmeras áreas do saber, bem como sua evolução ao longo do tempo.

Segundo Yunes (2003), o termo "resiliência" aplicado às ciências sociais e humanas é relativamente recente em nosso contexto. Nesse sentido, o uso do termo no Brasil ainda se limita a um público restrito em meios acadêmicos. Muitos profissionais das áreas de Psicologia, Sociologia e Educação, por exemplo, ainda não conhecem ou nunca tiveram contato com o conceito de resiliência.

Para Luthar, Cicchetti e Becker (2000), a definição do termo resiliência exige consistência terminológica. Os autores sugerem a necessidade de uma terminologia coerente para que as pesquisas sobre resiliência possam englobar tanto características intrínsecas a alguns indivíduos quanto habilidades que podem ser desenvolvidas por qualquer ser humano. Essas habilidades estão relacionadas aos fatores de proteção em situações adversas, que demandam uma resposta adaptativa à situação.

Yunes (2003) identifica como precursor do termo resiliência o cientista inglês Thomas Young, que, em 1807, descrevia experimentos sobre tensão e compressão de barras, buscando a relação entre a força aplicada em um corpo e a deformação que essa força produzia.

Originalmente, resiliência é um conceito da física, relacionado às propriedades de resistência de um material ao ser submetido a determinadas condições – observa-se a sua resiliência ao medir sua capacidade de retornar ao estado original após passar por pressões externas (Yunes, 2001).

Há, no entanto, um consenso sobre o termo resiliência, conforme aponta Tavares (2001):

Quer na mecânica, quer na física, quer na medicina, há a ideia de material sólido, de textura fiável, flexível e consistente, saudável, subjacente ao conceito de resiliência que permite a esse objeto ou sujeito, que no fundo não são mais que ‘pacotes’ de energia, de informação a diversos e mais ou menos elevados níveis de complexidade e organização, capazes de autorregular-se e auto recuperar-se, voltar à sua forma ou posição inicial (Tavares, 2001, p. 46, grifo nosso).

No cotidiano, quando uma pessoa se vê sobrecarregada por pressões e cobranças, é necessário que mantenha a calma e não ceda à ansiedade, preservando a paz em meio às dificuldades:

Os estudos e pesquisas acerca da resiliência humana buscam compreender por que, diante das mesmas condições entendidas como adversas, alguns indivíduos se desenvolvem satisfatoriamente ou se superam, aparentemente além dos limites da condição humana, enquanto outros sucumbem, desenvolvem patologias ou se vitimizam (Barlach, 2005, p. 2).

Para Grotberg (2005), resiliência pode ser definida como uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, saindo dessas situações fortalecida ou até mesmo transformada, porém não ileso. Poletto (2007, p. 27) complementa que “o sujeito aprende, cresce, desenvolve e amadurece”.

Garcia (2001) classifica a resiliência em três âmbitos: emocional, acadêmico e social. A resiliência emocional está associada a fatores como autoestima e auto eficácia, experiências em que os indivíduos desenvolvem sentimentos positivos ao enfrentar adversidades e adaptar-se a novas realidades. A resiliência acadêmica abrange habilidades desenvolvidas em conjunto com profissionais da escola para resolver problemas específicos.

Já a resiliência social envolve sentimentos de pertencimento a um grupo social, o que estimula a habilidade de aprendizado para a resolução de problemas. Nesse sentido, Masten afirma que “resiliência se refere a uma classe de fenômenos caracterizados por bons resultados em meio a sérias ameaças à adaptação ou desenvolvimento. A pesquisa sobre resiliência tem como objetivo compreender os processos que respondem por esses bons resultados” (Masten, 2001, p. 228).

Desta forma entende-se que o conceito de resiliência é de significativa importância e está diretamente relacionado às situações enfrentadas ao longo da vida. Essas relações se constituem de forma particular, fundamentadas em fatores sociais, culturais e históricos e, especialmente, na maneira como cada indivíduo percebe e reage às adversidades ao longo do tempo.

2.1.1 origens etimológicas

No que diz respeito às origens etimológicas, a palavra "resiliência" abrange, no campo da física, a ideia de retorno ao estado original após a aplicação de diferentes pressões. O termo deriva do latim *resilio*, *resilire*, e é composto por *re* (indicando retrocesso) e *salio* (saltar), significando, assim, "voltar para trás" ou "recuar" (Faria, 1967).

Em inglês, *resilient* refere-se à elasticidade e à capacidade de recuperação rápida. Nesse sentido, Yunes (2001) explica que existem duas interpretações para o termo resiliência: (i) a capacidade de retornar ao estado usual de saúde ou equilíbrio espiritual após enfrentar problemas, dificuldades ou doenças, entre outros fatores; e (ii) a capacidade de uma substância voltar à sua forma original quando removida a pressão.

Segundo Brandão (2009), o termo “resiliência” começou a ser utilizado no Brasil no final da década de 1990, inicialmente em estudos de psicologia, e, ao longo dos anos, espalhou-se para o público leigo, sendo utilizado em materiais de autoajuda. A palavra não era usual no vocabulário brasileiro e, nos dicionários, seu significado técnico estava associado à física.

Conforme Yunes (2001), o autor consultou dois dicionários para verificar o significado da palavra em língua portuguesa. No Novo Aurélio, há referência à resiliência em materiais; já no *Houaiss* (2001), o termo abrange tanto o sentido físico quanto o figurado. No âmbito físico, resiliência refere-se à capacidade de um material de retornar à forma original após sofrer deformação elástica. No sentido figurado, a definição se aplica a aspectos humanos, referindo-se à habilidade de reagir e se adaptar a determinadas mudanças.

Brandão *et al.* (2011) apontam que o termo resiliência já constava no dicionário inglês *Barsa* em 1970 e no *Michaelis* em 1961, conforme as datas de edição. Isso sugere que o termo já era utilizado por falantes de língua inglesa antes das primeiras publicações sobre resiliência em psicologia. No Brasil, entretanto, o uso do termo foi adotado mais tarde, e o próprio dicionário Aurélio atribui sua origem à língua inglesa, embora aponte uma raiz latina para o verbo *resilir*.

2.2 FATORES DA RESILIÊNCIA

Conforme Pinheiro (2004), ninguém está imune às adversidades; a resiliência não é sinônimo de um "escudo protetor" que impede problemas de alcançar uma pessoa, tornando-a rígida e resistente às dificuldades. Para a autora, não existe uma pessoa "resiliente" em caráter absoluto, pois a resiliência é um processo determinado pela interação mútua entre o ambiente e o indivíduo, influenciando como ele reage diante de uma situação específica.

Rutter (1985) enfatiza que a resiliência abrange tanto fatores de proteção quanto de risco:

Os fatores de risco são os acontecimentos estressantes da vida, tais como a pobreza, as perdas afetivas, as enfermidades, o desemprego, as guerras, as calamidades, entre outros. Segundo o autor, os fatores de proteção são as influências que modificam, melhoram ou alteram a resposta de uma pessoa a algum perigo que predispõe a um resultado não adaptativo. Estes fatores referem-se a características que parecem mudar ou reverter circunstâncias potencialmente negativas (p. 58).

Pinheiro (2004) explica que os principais fatores de proteção incluem relações familiares satisfatórias, apoio social, autoimagem positiva, crenças ou religiosidade, além de boa comunicação e cooperação na resolução de problemas.

Por sua vez, Yunes (2001) enfatiza a importância de compreender os processos e mecanismos associados ao risco e suas consequências, considerando o histórico do indivíduo. A maioria dos estudos

sobre o tema define resiliência como os aspectos positivos que permitem a superação de crises e adversidades.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento de condutas resilientes pode estimular o aprendizado coletivo em grupos sociais. Grotberg (2005) acrescenta que a resiliência depende de fatores específicos e ações, variando ao longo das etapas do desenvolvimento. Assim, situações adversas exigem adaptação constante diante de novos desafios.

Quadro 1 - Fatores relacionados a resiliência

FATORES DA RESILIÊNCIA	HABILIDADES
A administração das emoções	Habilidade de se manter calmo sob pressão.
O controle dos impulsos	Habilidade de não agir impulsivamente.
O otimismo para a vida	Habilidade de ter a firme convicção de que as situações adversas irão manter a esperança de um futuro melhor.
Análise do ambiente	Habilidade de identificar precisamente um problema ou adversidade e suas causas.
A autoeficácia	É descrita como uma convicção de ser eficaz nas ações, a partir do poder de encontrar soluções para os problemas e se sobressair.
A empatia	Habilidade de reconhecer os estados emocionais e psicológicos de outras pessoas.
Alcançar pessoas	Habilidade de se conectar a outras pessoas para viabilizar soluções para as adversidades da vida.

Fonte: elaboração própria a partir de Ripar *et al.* (2008, p. 37-38)

O Quadro 1 demonstra o resultado de um estudo desenvolvido por Reivich e Shatté (2002), a partir de um questionário utilizado para avaliar os fatores pessoais que compõem a resiliência.

2.3 RESILIÊNCIA EMOCIONAL

O conceito de "resiliência" esteve, por muito tempo, associado à ideia de resistência. Porém, estudiosos como Michael Rutter e Emmy Werner ampliaram esse conceito, aplicando-o à psicologia, abordando esse campo de estudo como a capacidade humana de superar crises e a autonomia para solucionar problemas, abrangendo diferentes aspectos do indivíduo (Yunes, 2001).

Esses teóricos tornam-se ainda mais relevantes na atualidade, quando fatores externos afetam diretamente a vida acadêmica, impondo metas difíceis de alcançar, necessidade de adaptação a novos ambientes, níveis elevados de estresse, novas rotinas, altas exigências e insegurança em relação ao mercado de trabalho, além de padrões rigorosos e sobrecarga de tarefas.

De acordo com Barlach (2005), a questão da resiliência ganhou destaque entre os pesquisadores que buscam entender como as pessoas enfrentam as adversidades. Parte-se do pressuposto de que situações comuns podem impactar as reações dos indivíduos de formas peculiares diante de momentos de crise. A autora ressalta que, enquanto alguns indivíduos se desenvolvem positivamente nesse processo, outros apresentam reações negativas.

Nesse contexto, é fundamental abordar a resiliência no âmbito emocional. Segundo Angst (2009), em situações traumáticas, a maioria das pessoas busca apoio profissional para enfrentar adversidades, sendo o psicólogo essencial nesse auxílio por meio da psicoterapia. Peres *et al.* (2005) afirmam que o objetivo da psicoterapia é ajudar a vítima de trauma a “aprender e crescer a partir das experiências positivas e negativas de vida e desenvolver a capacidade de lidar com adversidades severas, aspectos cruciais a serem trabalhados em psicoterapia” (p. 136).

Conforme o Instituto Ayrton Senna (2020, p. 6), a resiliência emocional “está relacionada à capacidade de alguém lidar com as próprias emoções, demonstrando equilíbrio e controle sobre suas reações emocionais, como raiva, insegurança e ansiedade, sem apresentar mudanças bruscas”. No entanto, para desenvolver a resiliência emocional, é necessário compreender as características que a definem, as quais serão abordadas na seção a seguir.

2.4 CARACTERÍSTICAS DA RESILIÊNCIA

Indivíduos com trajetórias semelhantes nem sempre respondem da mesma forma diante de crises; enquanto alguns conseguem superar adversidades, outros não. Essa diferença está relacionada às características pessoais de cada indivíduo, que incluem “sexo, temperamento, traços de personalidade, genética, relacionamentos com familiares e amigos, aspectos sociais e econômicos, interação com o ambiente e estilo das práticas parentais” (Pinheiro, 2004, p. 70).

Barreira e Nakamura (2006) apontam algumas características comuns em pessoas resilientes, como autoestima positiva, habilidades de dar e receber em relações humanas, disciplina, responsabilidade, receptividade, interesse e tolerância ao sofrimento, entre outras.

Por outro lado, Angst (2009) ressalta que não se pode classificar um indivíduo simplesmente como resiliente ou não, pois as características associadas à resiliência dependem dos fatores ambientais que envolvem cada pessoa. O uso indiscriminado do termo pode gerar preconceitos e limitações, levando a consequências negativas. A autora também reforça a importância de “identificar os aspectos de risco que devem ser melhorados, bem como as qualidades e atributos a serem enfatizados para valorizar o que já existe e que pode contribuir para a superação de situações atuais” (p. 258).

Quadro 2 - Características de pessoas resilientes

REFERÊNCIA	CARACTERÍSTICAS
Kobasa (1979)	<ul style="list-style-type: none"> • Ver mudança ou stress como uma oportunidade • Compromisso • Reconhecimento dos limites ao controle
Rutter (1985)	<ul style="list-style-type: none"> • Obtenção de suporte de outros • Relacionamento próximo e seguro com outros • Objetivos pessoais e coletivos • Eficácia pessoal

	<ul style="list-style-type: none"> • Stress com efeito fortalecedor <ul style="list-style-type: none"> • Sucessos passados • Senso de controle realista/ ter alternativas <ul style="list-style-type: none"> • Senso de humor • Orientação à ação • Adaptabilidade à mudança
Lyons (1991)	<ul style="list-style-type: none"> • Paciência • Tolerância à negatividade
Connor & Davidson (2003)	<ul style="list-style-type: none"> • Otimismo • Fé

Fonte: Connor & Davidson, (2003).

2.5 RESILIÊNCIA – OPORTUNIDADE OU DESAFIO

De modo geral, toda pesquisa sobre resiliência aborda um traço intrínseco de alguns indivíduos ou uma habilidade que qualquer ser humano pode desenvolver. Essas habilidades se referem aos fatores de proteção em situações adversas, que promovem o desenvolvimento pessoal diante das dificuldades.

Para Infante (2005, p. 34), com base nas pesquisas mais recentes sobre resiliência, percebe-se que é essencial estimular fatores resilientes específicos, pois “é crucial avançar na pesquisa e elaboração de teorias que expliquem como esses fatores específicos interagem na ecologia do indivíduo, permitindo uma adaptação resiliente”.

Benetti *et al.* (2017) destacam que a resiliência envolve habilidades que podem ser construídas em situações adversas, por meio de estratégias de enfrentamento flexíveis, resolução criativa de problemas e pensamento positivo. Embora não haja solução garantida contra sentimento de impotência, certas estratégias se mostram eficazes para promover e reforçar a resiliência, auxiliando na superação e transformação pessoal. Assim, a resiliência pode ser vista como uma oportunidade de crescimento diante das adversidades, reforçando a importância de fortalecer essa capacidade em cada indivíduo.

2.6 O QUE É PANDEMIA?

Nesta seção, discutem-se os principais aspectos e fatores que caracterizam uma pandemia. Primeiramente, explica-se o conceito de pandemia, seguido por um breve histórico da COVID-19 e das implicações de uma crise pandêmica. Para contextualizar, é essencial esclarecer as diferenças entre surto, epidemia, endemia e pandemia, que são classificações epidemiológicas para descrever o comportamento de uma doença.

A Associação Paulista de Medicina (2024) fornece a seguinte distinção entre esses termos:

- Surto: refere-se a um aumento inesperado de casos de uma doença em uma região específica.

Por exemplo, em algumas cidades, a dengue é considerada um surto, pois se limita a áreas específicas, como determinados bairros.

- Epidemia: caracteriza-se pela ocorrência de surtos em várias regiões. Em nível municipal, a epidemia ocorre quando vários bairros registram casos; em nível estadual, quando há registros em diversas cidades; e, em âmbito nacional, quando a doença se manifesta em diferentes regiões do país. Exemplo: em fevereiro deste ano, vinte cidades declararam epidemia de dengue.
- Pandemia: é o estágio mais grave, representando a disseminação de uma epidemia em escala global, atingindo diversas partes do mundo.

Com essa base, a seção detalhará os impactos e as características de uma pandemia, contextualizando a COVID-19 como um exemplo recente e de grande impacto.

Complementando, Barata (1987, p. 3) afirma que “a questão das pandemias está presente desde o início da história do Homem. Com o passar do tempo, o conceito sofreu diversas alterações conforme as práticas de controle desenvolvidas em resposta ao fenômeno”. A Organização Mundial da Saúde (OMS) contribui destacando que a palavra "pandemia" se refere a uma doença com alto grau de contágio e propagação, independentemente de sua gravidade, ou seja, é uma doença que se dissemina rapidamente a nível regional ou mundial.

Nesse contexto, o Quadro 3 apresenta uma síntese cronológica das pandemias ao longo da história, desde o primeiro registro de pandemia na história da humanidade até os dias atuais, discutindo sua origem (data e local), tipo de doença e duração.

Quadro 3 - Síntese da ordem cronológica das pandemias ao longo dos períodos

PANDEMIA	PERÍODO	ORIGEM	DOENÇA/ TRANSMISSÃO	MORTES	DURAÇÃO
PESTE DE JUSTINIANO	Ocorrida por volta de 541 d.C.	Iniciou-se no Egito até chegar à capital do Império Bizantino.	Provocada pela peste bubônica, transmitida através de pulgas em ratos contaminados.	A enfermidade matou entre 500 mil a 1 milhão de pessoas.	Estima-se que a pandemia tenha durado mais de 200 anos.
PESTE NEGRA (PESTE BUBÔNICA)	Pandemia de peste bubônica, do século XIV.	Teve início na Ásia Central.	Peste negra pode causar febre de 41° graus, além de vômitos com a presença de sangue e complicações no pulmão, além do surgimento das manchas pretas que saía no corpo de quem contraía a doença.	Matou entre 15 e 100 milhões de pessoas. Em 1334 causou cinco milhões de mortes na Mongólia e no norte da China. Calcula-se em 24 milhões o número de mortos nos países do Oriente.	A pandemia ocorreu no entre o período de 1346 a 1352.

GRIFE RUSSA	Teve início em 1889.	Proliferação inicial de duas semanas sobre o Império Russo.	Um subtipo da Gripe A.	1 milhão de pessoas morreram.	Duração entre 1889-1890
GRIFE ESPANHOLA	Teve início em 1918.	Com possível origem nos Estados Unidos.	Iniciou de uma mutação do vírus Influenza (H1N1).	Ceifou entre quarenta milhões de pessoas e estimasse que alcançou os 100 milhões de pessoas.	Duração entre 1918 a 1920.
HIV/AIDS	Desde 1980.	Reconhecida nos Estados Unidos.	Causada pelo HIV-2.	20 milhões de pessoas tenham morrido.	Desde 1980 até os dias atuais.
CORONA VÍRUS 2019 (COVID-19)	Dezembro de 2019.	Em Wuhan, China.	Ocasionada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARSCoV2).	15 milhões.	Desde 2019 até os dias atuais.

Fonte: Dados compilados pela autora a partir de (Sozinho, 2021), Ministério da Saúde, (2020).

Desta forma, uma pandemia é compreendida como qualquer doença na qual tem um elevado grau de propagação a nível mundial, independentemente de sua gravidade e mesmo que em contextos históricos diferentes tiveram o mesmo patamar de consequências negativas a toda população. Nesse contexto é essencial abordar um breve histórico da atual pandemia do COVID-19.

2.7 COVID-19- UM BREVE HISTÓRICO

No final de 2019, o mundo testemunhou o surgimento de uma das pandemias mais alarmantes da Idade Contemporânea: a COVID-19. Trata-se de uma doença respiratória emergente causada por um novo vírus detectado pela primeira vez em dezembro de 2019, em Wuhan, China. Na época, relatava-se uma pneumonia causada por um agente patogênico desconhecido, rapidamente comunicada às autoridades de saúde (Brito, 2020).

A COVID-19, altamente infecciosa, apresenta sintomas como febre, tosse seca, fadiga, mialgia e dispneia (Ministério da Saúde, 2020). Estima-se que 80% dos doentes tenham casos leves, 14% graves e 5% críticos. Pessoas idosas ou com comorbidades, como hipertensão, diabetes, doenças cardíacas, pulmonares ou câncer, estão mais propensas a quadros graves, que podem evoluir para Síndrome de Dificuldade Respiratória Aguda (SDRA), insuficiência cardíaca aguda, lesão renal, infecções, sepse ou choque (Conceição e Campos, 2020).

O sistema imunológico é essencial na defesa contra agentes infecciosos, com resposta inicial da imunidade inata e ação posterior da imunidade adaptativa. Na COVID-19, uma resposta

inflamatória eficiente permite uma evolução autolimitada da doença. Contudo, a forma grave ocorre em pacientes com resposta imune exacerbada ao SARS-CoV-2 (Wang *et al.*, 2020)

Em junho de 2020, a pandemia superou oito milhões de casos e quase meio milhão de mortes no mundo, segundo dados da OMS (Who, 2020). No Brasil, o número de infectados alcançou um milhão, e os óbitos ultrapassaram 50 mil. A OMS declarou emergência de saúde pública internacional em 30 de janeiro do mesmo ano, solicitando cooperação entre os países para conter a disseminação da COVID-19. No Brasil, o primeiro caso positivo foi confirmado em 26 de fevereiro de 2020, com o primeiro óbito em 17 de março; o país declarou Emergência de Saúde Pública Nacional em 3 de fevereiro (Ministério da Saúde, 2020).

Parente (2020) destaca os efeitos severos da COVID-19 na economia, na saúde e na sociedade. No final de 2020, o início da vacinação trouxe esperança, mas também incertezas:

Os cientistas corriam para encontrar formas de tratamento e a vacina aparecia como a melhor opção, tornando-se um assunto em alta nas discussões públicas, apontando ser a possível saída desta situação em que se encontrava o país e o mundo. As inovações científicas da vacinação, então, estavam sendo amplamente acompanhadas e aclamadas, com grandes expectativas de que fossem funcionar, mas também rodeadas de incertezas, devido a novas variantes que foram surgindo, aos níveis variáveis de eficácia, aos possíveis efeitos colaterais, entre outros (Kramer, 2022, p.5).

Além disso, surgiram questões sobre a vacinação que ultrapassam a esfera médico-científica, abrangendo fatores políticos, sociais, culturais, religiosos e históricos. Embora haja controvérsias no campo da saúde pública, a vacinação só é eficaz se alcançar ampla cobertura populacional (Kramer, 2022).

2.8 A PANDEMIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

A pandemia desencadeou uma série de impactos e adaptações na sociedade, tanto positivos quanto negativos. Além das mortes e sequelas causadas pela COVID-19, foram observados efeitos profundos nas esferas econômica e social. A rotina das pessoas foi alterada, exigindo novas formas de trabalho e estudo. Com a adoção do ensino remoto a partir de março de 2020, houve impacto na resiliência e no desempenho dos estudantes, variando conforme o nível de adaptação e contexto de cada indivíduo. A resiliência abrange não apenas a área acadêmica, mas também o aspecto social e emocional (Garcia, 2001), promovendo respostas únicas de cada um às novas circunstâncias, como a pandemia.

Medidas rigorosas foram adotadas para conter a propagação do vírus, incluindo o isolamento social (*lockdown*), o distanciamento mínimo de um metro e meio, e a proibição de aglomerações em

escolas, universidades, eventos e demais locais com grande concentração de pessoas (Reis-Filho & Quinto, 2020). As mudanças de hábito tornaram-se essenciais para enfrentar o COVID-19:

[...] de forma geral, muitas escolas, igrejas, lojas, teatros e estádios foram fechados [...] a maioria dos funcionários passou a realizar suas atividades de casa, e nossa vida 'normal' teve de se adaptar a uma nova realidade, o 'novo normal'. Novas palavras começaram a integrar nosso cotidiano: distanciamento, isolamento social, *lockdown*, coronavírus, ventiladores pulmonares, intubação, pandemia, máscaras N95, entre outras. Hábitos foram rapidamente modificados para que trabalho, educação e convívio familiar pudessem continuar, de modo diferente do 'normal' [...] (Silva, 2020, p. 5-6).

Com o *lockdown* e o isolamento social, as consequências econômicas foram severas: muitos comércios fecharam, elevando as taxas de desemprego, e escolas e universidades adaptaram-se ao ensino remoto emergencial, sustentado por inovações tecnológicas, mas com acesso limitado às populações de baixa renda. Moraes (2020) destaca ainda os efeitos emocionais da pandemia, que impactaram especialmente os grupos mais vulneráveis, como as populações mais pobres e as pessoas mais expostas ao vírus. Segundo o autor, cinco fatores agravaram essas consequências: “i) o medo de ser infectado; ii) a redução da renda; iii) o confinamento; iv) informações conflitantes ou imprecisas sobre a pandemia e seu enfrentamento; e v) a ausência de uma estratégia de saída da crise” (p. 37).

Esses efeitos realçam a importância do suporte à saúde mental. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a saúde mental parte da resposta emergencial no manejo da COVID-19, dada a magnitude da pandemia e seus impactos psicossociais, que dificultam uma resposta positiva para a população afetada, afetando a todos em variados graus de tensão e angústia. A partir desse contexto, discutem-se as mudanças no cenário educacional.

2.9 ENSINO PRESENCIAL VERSUS ENSINO REMOTO EMERGENCIAL – UMA MUDANÇA NECESSÁRIA

A pandemia do COVID-19, impôs mudanças significativas também nas escolas e faculdades, como uma medida de proteção foi imposto a quarentena ou o isolamento social, os alunos foram afastados fisicamente do local de estudo, mas não do ensino. As instituições adotaram o método remoto de aulas, na qual foi possível através da tecnologia. Nesse sentido as escolas, professores e alunos tiveram que adaptar-se a um novo método de ensino, isso causou certas fragilidades e incertezas.

Segundo Costa e Nascimento (2020), as transformações trazidas pelo ensino remoto ampliaram desigualdades sociais, tecnológicas e econômicas, pois a falta de interação presencial afetou a consciência social no ambiente escolar. Apesar disso, o ensino remoto é visto como a melhor solução para a continuidade das atividades. O Ensino Remoto Emergencial é definido como um regime

temporário que utiliza Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), preferencialmente com software livre, para possibilitar a interação entre alunos e professores e promover o desenvolvimento de conhecimentos, sem a necessidade de compartilhar um espaço físico (UFAC, Resolução nº 11, 2020).

O ensino remoto foi uma medida emergencial para dar continuidade às aulas durante a pandemia, apresentando desafios para todos os envolvidos. Segundo Hodges *et al.* (2020), evitou-se o termo “educação a distância”, pois a aprendizagem *online* emergencial é frequentemente vista como inferior ao ensino presencial. Nesse contexto, a nova realidade imposta pela COVID-19 traz questionamentos sobre o acesso e a disponibilidade de condições adequadas para que professores e alunos utilizem plenamente os recursos tecnológicos, promovendo uma aprendizagem colaborativa. Contudo, há desafios significativos, como a falta de estrutura nas escolas e a necessidade de formação adequada para o uso crítico das tecnologias (Cani *et al.*, 2020).

Dessa forma é perceptível que o ensino remoto emergencial é uma modalidade nova, e por sua vez, considera-se uma alternativa extremamente importante para a continuidade do ensino diante do contexto da pandemia, mesmo que apresente uma série de desafios como: a acessibilidade; o desempenho tanto dos alunos quanto dos professores entres outros; é uma mudança necessária.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com características bibliográficas e exploratórias. Em um primeiro momento, realizou-se uma revisão da literatura sobre o conceito de resiliência, abordando sua definição, origens etimológicas e principais características, bem como fatores relacionados. Em seguida, o conceito de pandemia e suas implicações foram analisados, relacionando-se esse contexto com o Ensino Remoto Emergencial. Para tanto, utilizou-se uma abordagem bibliográfica baseada em consultas a livros, dissertações, teses e artigos científicos relevantes sobre o tema.

Após a revisão da literatura, foi conduzida uma pesquisa exploratória. De acordo com Prodanov e Freitas (2013, p. 51), a pesquisa exploratória visa "fornecer mais informações sobre o assunto a ser investigado" em sua fase preliminar. Segundo Fernandes *et al.* (2018), pesquisas exploratórias são particularmente valiosas quando se busca investigar e aprofundar um problema ainda pouco explorado, permitindo ampliar a compreensão sobre o tema.

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário semiestruturado composto por perguntas fechadas, aplicado aos acadêmicos do curso de Administração em 19 de setembro de 2022. A participação foi totalmente voluntária, com adesão de todos os estudantes, totalizando 63 questionários

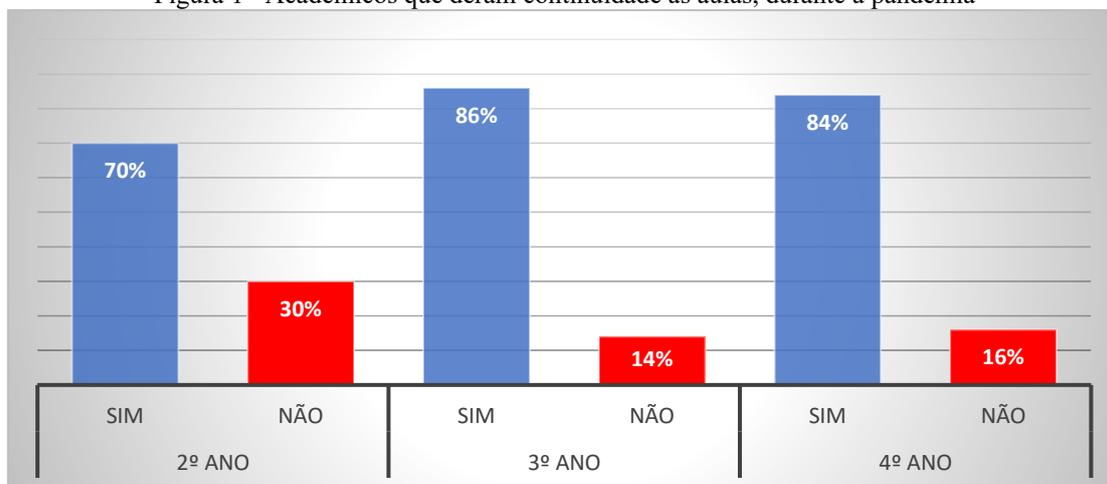
analisados. Esse instrumento serviu para levantar dados sobre as percepções dos estudantes quanto às principais dificuldades e impactos da COVID-19 vivenciados por eles.

A escolha dos estudantes das 2^a, 3^a e 4^a séries do curso de Administração deve-se ao fato de terem ingressado no curso em 2020, ano em que a pandemia foi declarada em 11 de março (OMS, 2022). Os dados coletados foram transcritos e tabulados utilizando o Excel 2013, software que permitiu a organização e apresentação dos dados por meio de figuras de gráficos, facilitando a visualização percentual e a análise dos resultados obtidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão visou entender se, durante o isolamento social imposto pela pandemia, os universitários conseguiram acompanhar as aulas e concluir o ano letivo. Observa-se que a maior taxa de desistência ocorreu entre os alunos do 2º ano, o que pode refletir as dificuldades de adaptação enfrentadas na transição do ensino presencial para o remoto.

Figura 1 - Acadêmicos que deram continuidade às aulas, durante a pandemia



Fonte: Elaboração própria, 2022.

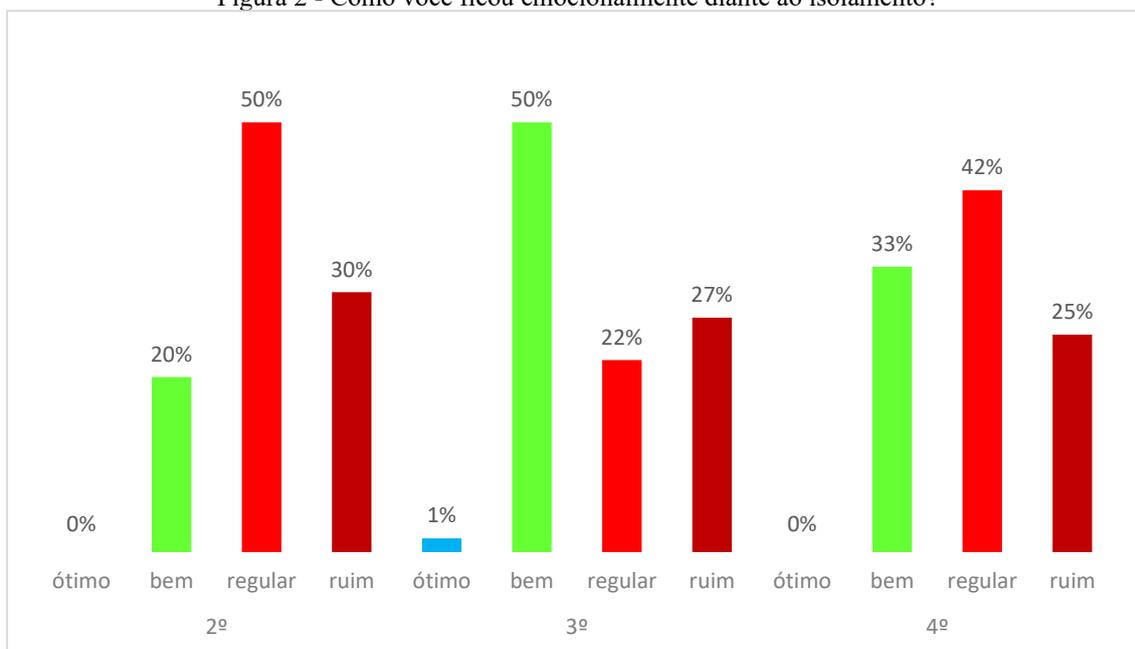
A análise das respostas sobre o impacto emocional do isolamento social mostra uma variação significativa entre os anos, evidenciando como cada grupo lidou de forma distinta com as restrições impostas pela pandemia.

No 2º ano, os dados revelam um cenário predominantemente negativo: 30% dos estudantes se sentiram "ruins" e metade dos alunos avaliou o período como "regular". Nenhum estudante respondeu que se sentiu "ótimo", e apenas 20% relataram ter se sentido "bem". Esse perfil pode indicar que os alunos do 2º ano tiveram maior dificuldade de adaptação, talvez por estarem ainda em um estágio inicial de seus estudos e mais acostumados ao ambiente presencial.

Já os alunos do 3º ano apresentaram um panorama mais positivo, com 50% relatando que se sentiram "bem" e 22% se classificando como "regular". A menor taxa de respostas "ruim" (27%) e uma pequena porcentagem que respondeu "ótimo" (1%) sugerem que os estudantes deste grupo já dispunham de maior resiliência ou adaptação ao ambiente acadêmico, possivelmente por estarem em um estágio mais avançado.

Por outro lado, no 4º ano, observa-se uma proporção menor de respostas "bem" (33%) e uma taxa mais elevada de "regular" (42%), enquanto 25% se sentiram "ruim". Essa resposta pode estar associada ao impacto da transição para o ensino remoto entre alunos mais próximos da conclusão do curso, que enfrentaram o desafio adicional de adaptar-se a um novo modelo de ensino no momento final de sua formação acadêmica.

Figura 2 - Como você ficou emocionalmente diante ao isolamento?



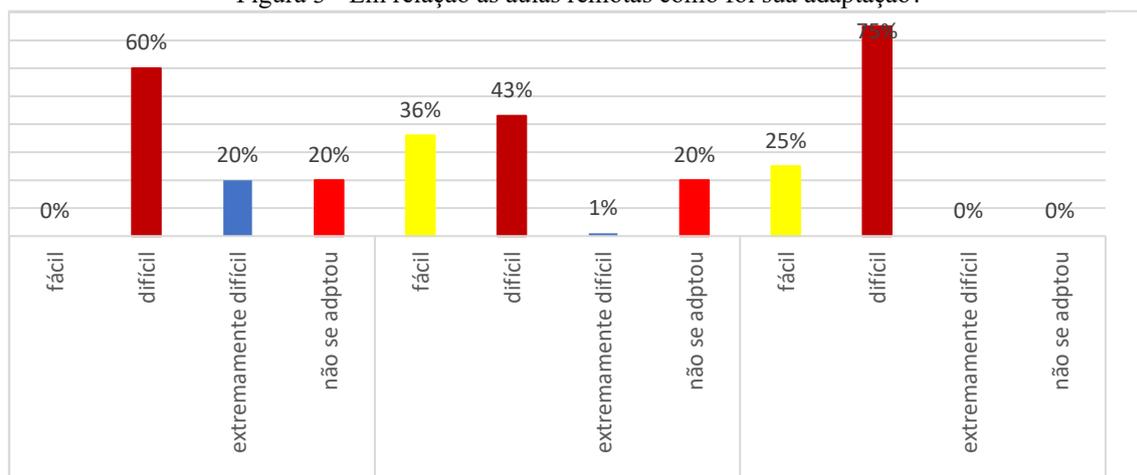
Fonte: Elaboração própria, 2022.

Esses resultados sugerem que a adaptação emocional ao isolamento social foi progressivamente mais positiva conforme o avanço no curso, mas o impacto ainda foi substancial em todos os anos, refletindo a complexidade do contexto pandêmico e as exigências emocionais que ele impôs.

A pandemia de COVID-19 trouxe mudanças substanciais, como o isolamento social, que testaram a resiliência dos estudantes. Segundo Kobasa (1979), a capacidade de ver mudanças e desafios como oportunidades é uma característica das pessoas resilientes, assim como a adaptabilidade (Rutter, 1985).

Os resultados sobre a adaptação às aulas remotas mostram uma variação significativa entre os acadêmicos de administração, com os alunos do 2º ano enfrentando maior dificuldade de adaptação, enquanto os estudantes dos anos mais avançados apresentaram uma adaptação relativamente mais positiva.

Figura 3 - Em relação as aulas remotas como foi sua adaptação?



Fonte: Elaboração própria, 2022.

No 2º ano, nenhum aluno classificou a adaptação como "fácil", e 60% relataram que a adaptação foi "difícil", enquanto 20% consideraram-na "extremamente difícil" e outros 20% afirmaram que não conseguiram se adaptar. Esse quadro sugere que, para os estudantes em início de curso, a transição para o modelo remoto foi desafiadora, possivelmente pela falta de experiência prévia no ensino superior e pela adaptação ainda em construção ao ambiente acadêmico.

Entre os estudantes do 3º ano, observa-se um perfil mais equilibrado, com 36% classificando a adaptação como "fácil" e a maioria (43%) como "difícil", enquanto uma minoria respondeu "extremamente difícil" (1%) ou "não se adaptou" (20%). Esse dado sugere uma adaptação um pouco melhor que a dos estudantes do 2º ano, o que pode ser explicado pela maior familiaridade com as exigências acadêmicas e o ambiente universitário.

Os estudantes do 4º ano, por sua vez, exibem um padrão de resposta singular: 25% relataram uma adaptação "fácil" e 75% como "difícil", sem respostas para "extremamente difícil" ou "não se adaptou". A ausência de respostas nas categorias mais negativas sugere que, embora desafiadora, a adaptação foi possível para todos. Esses alunos, mais próximos da conclusão do curso, podem ter demonstrado maior resiliência, focados em finalizar sua formação acadêmica, apesar das dificuldades do ensino remoto.

De modo geral, os dados indicam que a adaptação ao ensino remoto foi mais desafiadora para os alunos em fases iniciais do curso, enquanto os alunos mais avançados, apesar das dificuldades, mostraram-se mais resilientes.

É importante destacar que a resiliência não deve ser interpretada apenas como força ou estabilidade; ela envolve uma atitude adaptativa, que permite reconhecer as mudanças como algo positivo. Adotar uma postura flexível diante de adversidades contribui para o alcance de objetivos, conforme apontado por Masten (2001).

4.1 RELAÇÃO ENTRE A RESILIÊNCIA E O DESEMPENHO ACADÊMICO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

Compreender melhor a relação entre resiliência e o desempenho acadêmico dos estudantes de administração é o principal foco desse trabalho, e considerando a realidade vivenciada nesse período, estes tornaram-se o objeto deste estudo. Assim, após a investigação realizada na análise bibliográfica, apresentar o cenário atual e real que é encontrado de forma específica conforme as respostas analisadas a partir dos questionários aplicado.

Quadro 4 - Numere por grau de relevância os desafios vivenciados por você, enquanto acadêmico (a), ao longo das aulas remotas

Opções de respostas	2ª série	3ª série	4ª série
De adaptação, pois estava acostumado com as aulas presenciais	18,56%	21,30%	13,20%
Tive dificuldade com a metodologia adotada pelo professor	14,62%	11,53%	14,00%
Muita cobrança dos professores	9,98%	8,02%	10,80%
Acesso pelo celular dificultava a visualização e acompanhamento do conteúdo trabalhado em aula	12,76%	8,77%	12,00%
Desmotivação	17,63%	15,79%	17,00%
Não havia ambiente familiar (sem apoio dos meus familiares, na promoção de um ambiente favorável ao aprendizado	7,66%	4,51%	4,40%
Sinal de internet não ajudava	7,42%	5,76%	11,40%
Desconforto de assistir as aulas em casa	11,37%	14,29%	15,40%
Nenhuma das respostas anteriores	0,00%	10,03%	1,80%
Outras	0,00%	00%	0,00%
	100,00%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria, (2022).

A análise dos principais desafios enfrentados pelos estudantes de administração durante o período de aulas remotas evidencia diferentes graus de adaptação e dificuldades de acordo com o ano em que cada grupo se encontrava, refletindo tanto a resiliência quanto as barreiras enfrentadas por esses alunos durante a pandemia.

2º Ano: Os alunos do 2º ano indicaram que "adaptação, pois estava acostumado com as aulas presenciais" (18,56%) e "desmotivação" (17,63%) foram os maiores desafios, seguidos pela

"dificuldade com a metodologia adotada pelo professor" (14,62%). Esses dados sugerem que os estudantes em fase inicial do curso tiveram dificuldades em migrar para o ambiente remoto, possivelmente por estarem ainda se adaptando à rotina acadêmica e por terem um nível menor de experiência com o ensino superior. A desmotivação também surge como um desafio importante, refletindo o impacto emocional e a dificuldade em se engajar com uma modalidade de ensino que exigia maior autonomia e foco. A metodologia adotada pelos professores, citada como um dos três principais desafios, indica que, para esse grupo, o estilo de ensino e os recursos utilizados remotamente talvez não tenham sido suficientes para manter o interesse e a compreensão do conteúdo.

3º Ano: Para os estudantes do 3º ano, a "adaptação às aulas presenciais" (21,30%) ainda aparece como o maior desafio, seguido pela "desmotivação" (15,79%) e pelo "desconforto de assistir às aulas em casa" (14,29%). Esses alunos, embora mais avançados, ainda indicam a adaptação como um obstáculo significativo, o que pode ser atribuído ao fato de estarem habituados ao ensino presencial em anos anteriores e de encontrarem dificuldades na adequação ao formato remoto, mesmo com mais tempo na universidade. A desmotivação sugere que, apesar de mais experientes, esses estudantes ainda sofreram com a falta de interação direta e o distanciamento físico, que possivelmente afetaram seu envolvimento com o curso. O desconforto de estudar em casa aponta, além disso, para questões estruturais, como a falta de um ambiente adequado, que impactaram diretamente sua concentração e aproveitamento.

4º Ano: No 4º ano, os principais desafios relatados foram "desconforto de assistir às aulas em casa" (15,40%), "desmotivação" (17%), e "dificuldade com a metodologia adotada pelo professor" (14%). A predominância do desconforto no ambiente de estudo doméstico, seguido pela desmotivação, indica que os alunos mais próximos da conclusão do curso enfrentaram uma resistência maior ao modelo remoto, o que pode estar relacionado a uma expectativa anterior de finalizar o curso de maneira presencial. O impacto da metodologia sugere que, para esses alunos, a transição demandava um nível de personalização e interação que não foi inteiramente atendido pela adaptação dos métodos dos professores. Assim, o ambiente físico e a desconexão com a forma de ensino tornaram o engajamento acadêmico mais difícil, comprometendo o desempenho e aumentando o estresse.

Esses resultados indicam que, em todas as séries, as dificuldades de adaptação ao ensino remoto, desmotivação e limitações do ambiente doméstico foram desafios significativos. Porém, o peso dessas dificuldades variou conforme o ano dos estudantes, especialmente entre os mais novos tendo mais dificuldades de adaptação e os mais experientes sofrendo com a adequação do ambiente e metodologia, evidenciando que a experiência prévia não eliminou as dificuldades, mas as transformou. Essa variação de desafios destaca a importância de modelos de ensino mais flexíveis e com suporte

estrutural e emocional para atender às necessidades específicas de cada grupo, promovendo uma adaptação mais eficaz e um impacto menos negativo sobre o desempenho acadêmico.

A pesquisa sobre as superações que os acadêmicos de administração consideram ter alcançado durante as aulas remotas revela *insights* importantes sobre o desenvolvimento de competências tecnológicas e organizacionais, além de uma adaptação ao trabalho remoto. A análise dos dados destaca duas principais superações em cada série, refletindo a evolução da experiência acadêmica em um contexto de ensino não presencial.

Quadro 5 - Quais superações você considera ter obtido ao longo das aulas remotas

Opções de respostas	2ª série	3ª série	4ª série
Aprendi a lidar com as tecnologias: Zoom, Google Meet, Teams, etc.	41,73%	45,66%	34,92%
Aprendi a ser mais responsável quanto aos horários, hoje sou mais organizado e comprometido	14,39%	2,74%	17,86%
Maior facilidade de uso das TICs5, graças ao uso delas durante pandemia	4,32%	3,20%	19,05%
Me vejo trabalhando facilmente através de home-office	12,95%	21,00%	14,29%
Me identifiquei muito com essa modalidade	5,04%	20,55%	9,92%
Nenhuma das repostas anteriores	21,58%	6,85%	3,97%
Outras	0,00%	0,00%	0,00%
	100,00%	100%	100%

Fonte: Elaboração própria, (2022).

2º Ano: "Aprendi a lidar com as tecnologias: Zoom, Google Meet, Teams, etc." (41,73%) e, "Nenhuma das respostas anteriores" (21,58%).

Para os alunos do 2º ano, o aprendizado em relação às tecnologias de comunicação e informação foi o destaque principal. Essa ênfase sugere que esses estudantes, ainda em uma fase inicial do curso, enfrentaram um desafio significativo na adaptação ao uso dessas plataformas, o que é compreensível, dado que estavam mais acostumados ao ensino presencial. O fato de 21,58% ter escolhido "nenhuma das respostas anteriores" pode indicar uma percepção de que, apesar das dificuldades, suas superações vão além das opções apresentadas, revelando uma busca por reconhecimento das experiências que não se encaixam nas categorias propostas.

3º Ano: "Aprendi a lidar com as tecnologias: Zoom, Google Meet, Teams, etc." (45,66%) e, "Me vejo trabalhando facilmente através de *home-office*" (21%).

Os alunos do 3º ano também destacaram o aprendizado em tecnologias como a principal superação. No entanto, a inclusão da facilidade em trabalhar no *home-office* sugere que esses estudantes estão começando a projetar seu futuro profissional, reconhecendo a importância da adaptabilidade ao ambiente de trabalho remoto. Essa visão pode refletir uma maior maturidade e uma

compreensão mais profunda das demandas do mercado de trabalho atual, que cada vez mais incorpora modalidades flexíveis de emprego.

4º Ano: "Maior facilidade de uso das TICs, graças ao uso delas durante a pandemia." (19,05%) e, "Aprendi a ser mais responsável quanto aos horários, hoje sou mais organizado e comprometido." (17,86%).

No 4º ano, a ênfase na maior facilidade de uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) indica que esses alunos, já mais próximos da conclusão do curso, consolidaram seu aprendizado e adaptação tecnológica. A segunda resposta, relacionada à responsabilidade e organização, demonstra que a experiência do ensino remoto não apenas os capacitou tecnologicamente, mas também fomentou habilidades essenciais de gerenciamento do tempo e compromisso. Essa dualidade de aprendizado tecnológico e desenvolvimento pessoal pode ser crucial na formação de profissionais mais preparados para o futuro, capazes de lidar com desafios de forma mais independente e autônoma.

Esses dados refletem a trajetória de adaptação dos acadêmicos ao ensino remoto, com um foco crescente em competências que são altamente valorizadas no mercado de trabalho contemporâneo. O aprendizado das tecnologias de comunicação se destaca como uma superação fundamental em todas as séries, indicando uma mudança no paradigma educacional e a necessidade de os estudantes se tornarem proficientes em ambientes virtuais.

Além disso, as respostas dos estudantes mais avançados revelam uma integração entre habilidades técnicas e comportamentais, sugerindo que o ensino remoto, apesar de seus desafios, proporcionou oportunidades significativas de crescimento pessoal e profissional. Essa análise sublinha a importância de um suporte contínuo e adaptável durante períodos de ensino remoto, a fim de maximizar o desenvolvimento dos alunos em todas as suas dimensões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a adaptação dos estudantes universitários de administração ao ensino remoto emergencial evidenciou tanto os desafios enfrentados quanto as conquistas alcançadas nesse contexto ímpar da pandemia de COVID-19. Os resultados obtidos, fundamentados nos referenciais teóricos, mostram uma variação significativa no impacto emocional e nas dificuldades de adaptação entre os diferentes anos do curso. Essa variação sugere que a resiliência e a experiência acadêmica, conforme discutido por autores como Kobasa (1979) e Rutter (1985), influenciam diretamente a capacidade dos estudantes de lidar com mudanças abruptas e exigentes, como o isolamento social.

O estudo mostrou seu ineditismo ao investigar a relação entre resiliência e desempenho acadêmico no ensino remoto emergencial, um fenômeno recente cuja literatura ainda está em

formação. Ao considerar o impacto do distanciamento social na saúde mental e nas práticas pedagógicas, a pesquisa oferece uma visão original sobre como os estudantes, em diferentes estágios de seu percurso acadêmico, percebem e respondem a novos desafios educacionais.

Além disso, a análise comparativa entre os anos de curso contribui para a compreensão da familiaridade com o ensino superior e a maturidade acadêmica, como observado na literatura pertinente, afetam a adaptação ao ensino remoto, enriquecendo o debate sobre educação digital e emergencial.

As implicações deste estudo são significativas para instituições de ensino e formuladores de políticas educacionais. Em um momento em que a modalidade de ensino híbrido se torna cada vez mais relevante, a pesquisa enfatiza a necessidade de investimentos em suporte técnico e psicológico para estudantes e docentes. Os dados demonstram que a adaptação ao ensino remoto exige mais do que familiaridade com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs); demanda um suporte de integração entre fortalecimento das habilidades emocionais e sociais, especialmente em períodos de transição.

Portanto, instituições de ensino podem se beneficiar ao implementar programas de apoio que atendam às diversas necessidades dos alunos, oferecendo orientações sobre o uso de TICs e práticas de apoio psicológico que garantam uma adaptação mais eficaz e menos desgastante.

Nessa perspectiva, recomenda-se investigar a longo prazo o impacto do ensino remoto emergencial na trajetória acadêmica e profissional dos estudantes, especialmente no que se refere às habilidades como autonomia, gestão do tempo e adaptabilidade, que se tornaram cruciais durante a pandemia. Portanto torna-se relevante explorar como esses fatores influenciam a transição para o mercado de trabalho, avaliando em que medida as competências desenvolvidas no ensino remoto podem afetar a empregabilidade e a capacidade de adaptação em ambientes profissionais pós-pandemia. Outra linha de pesquisa promissora refere-se a análise mais aprofundada das estratégias pedagógicas que facilitam a adaptação ao ensino remoto, especialmente aquelas que promovem maior engajamento e motivação dos estudantes.

Esses futuros estudos poderiam oferecer subsídios para a criação de currículos mais resilientes e adaptáveis, preparados para lidar com mudanças inesperadas e para fornecer uma educação mais inclusiva e acessível em tempos de crise.

REFERÊNCIAS

- Angst, R. (2009). Psicologia e resiliência: uma revisão de literatura. *Psicologia argumento*, v. 27, n. 58, p. 253-260.
- Associação Paulista de Medicina – APM. (2024). Surto, epidemia, pandemia e endemia: entenda a diferença e quais se aplicam no cenário da dengue no Brasil. Disponível em: <https://www.apm.org.br/o-que-diz-a-midia/surto-epidemia-pandemia-e-endemia-entenda-a-diferenca-e-quais-se-aplicam-no-cenario-da-dengue-no-brasil/>. Acesso em: 29 out. 2024.
- Barata, R. C. B. (1987). Epidemias. *Cad. Saúde Pública*, vol.3, n.1, ISSN 1678-4464.
- Barlach, L. (2005). O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI: 10.11606/D.47.2005.tde-19062006-101545
- Barreira, D. D.; Nakamura, A. P. (2006). Resiliência e a auto-eficácia percebida: articulação entre conceitos. *Aletheia*, n. 23, p. 75-80.
- Benetti, I. C.; Wilhelm, F. A.; Junior, J. P. R. (2017). Resiliência: enfrentando os desafios do ambiente acadêmico e da vida. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health*, v. 9, n. 23, p. 14-23.
- Brandão, J. M. (2009). Resiliência: de que se trata? O conceito e suas imprecisões. Orientador: Miguel Mahfoud. 136. f. Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/TMCB-7WYN7C/3/disserta__o_juliana_mendanha_brand_o.pdf. Acesso em: 7 set. 2022.
- Brandão, J. *et al.* (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 21, p. 263-271.
- Brasil. Ministério da Saúde. (2020). CORONAVÍRUS: COVID-19. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/coronavirus>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- Brito, S. B. P. *et al.* (2020). Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. *Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia*, v. 8, n. 2, p. 54-63.
- Cani, J. B. *et al.* (2020). Educação e COVID-19: A arte de reinventar a escola mediando a aprendizagem “prioritariamente” pelas tdc . *Revista ifes ciência, [s. L.]*, v. 6, n. 1, p. 23-39. DOI: 10.36524/ric.v6i1.713.
- Conceição, R. M. da; Campos, D. C. dos S. (2020). Alimentação e imunidade: o papel dos alimentos na redução das complicações causadas pelo COVID-19. Disponível em: <file:///E:/Downloads/28244-72547-1-PB.pdf>. Acesso em 09 jul. 2022.
- Costa, A. E. R.; Nascimento, A. W. R. do. (2020). Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil. *Anais VII CONEDU-Edição Online*. Campina Grande: Realize Editora.

Connor, K. M.; Davidson, J. R. T. (2003). Desenvolvimento de uma nova escala de resiliência: a Escala de Resiliência Connor-Davidson (CD-RISC). *Depressão e ansiedade*, v. 18, n. 2, pág. 76-82.

Faria, E. (1967). *Dicionário escolar latino-português* (4a ed.). Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Educação/Ministério da Educação e Cultura.

Fernandes, A. M.; *et al.* (2018). Metodologia de pesquisa de dissertações sobre inovação: Análise bibliométrica. *Desafio Online, Campo Grande*, v.6, n.1, p. 141-159.

Garcia, I. (2001). Vulnerabilidade e resiliência. *Adolescência Latinoamericana*, 2, 128-130.

Grotberg, E. (2005). *A Guide to Promoting Resilience in Children: Strengthening the Human Spirit. Early Childhood Development: Practice and Reflections*, v. 8. The Hague-NO: Bernard Van Leer Foundation. Disponível em: <<https://www.bibalex.org/baifa/Attachment/Documents/115519.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2022.

Hodges, C. B. *et al.* (2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. *Educause Review*. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 22 set. 2022.

Kobasa, S. C. (1979). Stressful life events, personality, and health: An inquiry into hardiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(1), 1–11. DOI: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.37.1.1>

Houaiss, A.; Vilar, M. de S. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva.
Infante, F. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*, p. 23-38.

Instituto Ayrton Senna. (2020). *Ideias para o desenvolvimento de competências socioemocionais: resiliência emocional*. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/socioemocionais-para-criises.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

Kramer, L. (2022). Confiança, incerteza e esperança: um estudo sobre vacinas em tempos de COVID-19. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/240209>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Kraemer, M. U. G. *et al.* (2020). The effect of human mobility and control measures on the COVID-19 epidemic in China. *Science*. 2020 May 1;368(6490):493-497. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.abb4218>.

Lyons, J. A. (1991). Strategies for Assessing the Potential for Positive Adjustment Following Trauma. *Journal of Traumatic Stress* 4[1], 93-111.

Luthar, S.; Cicchetti, D.; Becker, B. (2000). The Construct of Resilience: A Critical Evaluation and Guidelines for Future Work. *Society for Research in Child development*. DOI: 10.1111/1467-8624.00164

Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: Resilience processes in development. *American Psychologist*, 56(3), 227–238. DOI: 10.1037/0003-066X.56.3.227

Moraes, R. F. de. (2020). Prevenindo conflitos sociais violentos em tempos de pandemia: garantia da renda, manutenção da saúde mental e comunicação efetiva. Disponível em: < <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9836>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

Organização Mundial da Saúde – OMS. (2020). Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus. Disponível em: < <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>>. Acesso em: 22 set. 2022.

Parente, M. P. P. D. (2020). COVID-19: its consequences and lessons. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 18, n. 4, p. 369.

Peres, J. F. P.; Mercante, J. P. P.; Nasello, A. G. (2005). Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico. *Revista de Psiquiatria RS*, 27(2), 131-138.

Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo* [online]. v. 9, n. 1 DOI: 10.1590/S1413-73722004000100009

Poletto, M. (2007). Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prodanov, C. C.; DE Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição*. Editora Feevale.

Reivich, K.; Shatté, A. (2002). *O fator resiliência: 7 habilidades essenciais para superar os obstáculos inevitáveis da vida*. Broadway Books.

Reis-Filho, J. A.; Quinto, D. (2020). The COVID-19, social isolation, artisanal fishery and food security: How these issues are related and how important is the sovereignty of fishing workers in the face of the dystopian scenario. In *SciELO Preprints*. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.54

Ripar, A. A.; Evangelista, F. S. F. Q.; Paula, F. V. de. (2008). Resilience and gender. *Psicólogo informação*, v. 12, n. 12, p. 33-52.

Rutter, M. (1985). Resiliência diante da adversidade: fatores de proteção e resistência ao transtorno psiquiátrico. *The British Journal of Psychiatry*, 147, 598–611. DOI: 10.1192/bjp.147.6.598

Silva, A. B. da. (2020). *Pandemia da COVID-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta* [recurso eletrônico] / Organizador: Eduardo Cambi. — Documento eletrônico. — Curitiba: Escola Superior do MPPR. Livro Digital. Disponível em: https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf. Acesso em: 20 de ago. 2022.

Sozinho, C. (2021). As pandemias e endemias na história da humanidade: balanço histográfico. *Revista Eletrônica KULONGESA–TES*. ISSN 2707-353X, v. 3, n. E-1, p. 25-32.

Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. In J. Tavares (Ed.). *Resiliência e educação* (pp. 43-75). São Paulo: Cortez Editora.

Universidade Federal do Acre. Conselho Universitário - UFAC. Resolução nº 11, de 28 de agosto de 2020. p.1-12.

Yunes, M. A. M.; Szymanski, H. (2001). Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Org.). Resiliência e educação (pp.13-42). São Paulo: Cortez.

Yunes, M. A. M. (2003) Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. Psicologia em Estudo [online]. v. 8, n. spe. DOI: 10.1590/S1413-73722003000300010.

Wang C. *et al.* (2020). A longitudinal study on the mental health of general population during the COVID-19 epidemic in China. *Brain Behav Immun*. Jul; 87:40-48. DOI: 10.1016/j.bbi.2020.04.028. Epub.

Who. (2020). World Health Organization. Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak. Disponível em: < <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/mental-health-considerations.pdf>> Acesso em: 22 ago. 2022.